

UNIDADE ESTRUTURAL EM PAINEL: A ARQUITETURA LITERÁRIA E TEOLÓGICA DO LIVRO DE DANIEL

Naftali Guerra¹

Resumo

Este artigo propõe uma leitura sincrônica do livro de Daniel, defendendo sua unidade literária e teológica por meio de uma estrutura em forma de painel. Em oposição às visões redacionistas que fragmentam a obra com base em critérios históricos ou linguísticos, o estudo argumenta que os capítulos do livro — escritos em aramaico e hebraico — estão organizados de maneira intencional, formando dois blocos paralelos e correspondentes. A análise identifica dois quadriláteros temáticos recorrentes que atravessam os segmentos narrativos e visionários: o primeiro, composto por Daniel 1, 2, 7 e 8,² com ênfase na sucessão dos reinos, na opressão contra os fiéis e no juízo divino; o segundo, por Daniel 3–4, 5–6, 9 e 12:3, com ênfase na imposição idolátrica, no livramento angélico e nos decretos de juízo contra os opressores. O estudo destaca que esses temas não apenas atravessam as divisões linguísticas do livro, mas também se repetem e se expandem em seções correspondentes, conferindo coesão estrutural e unidade teológica. A pesquisa também interage com autores como Shea, Gane e Doukhan, propondo que a estrutura literária evidencia a soberania de Deus na história e no tempo do fim. O artigo conclui que o livro de Daniel é uma composição deliberada e esperançosa, em que a fidelidade dos fiéis e a justiça divina convergem num clímax escatológico.

Palavras-chave: estrutura literária; unidade redacional; livro de Daniel; estrutura em painel.

Editores científicos: **Flavio Prestes Neto e Eduardo Rueda Neto**

Organização: Comitê Científico

Double Blind Review pelo SEER/OJS

Recebido: 26/05/2025

Aprovado: 17/07/2025

Como citar: GUERRA, N. Unidade estrutural em painel: a arquitetura literária e teológica do livro de Daniel. *Kerygma*, Engenheiro Coelho, v. 20, n. 1, p. 01-29, e1979, 2025. DOI: <https://10.19141/1809-2454.kerygma.v20.n1.pe1979>

¹ Doutorando em Teologia Cristã pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP); mestre em Teologia Cristã pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP); mestre em Teologia (*intracorporeus*) pelo Seminário Adventista Latino-americano (Salt-Uniaene); graduado em teologia pelo Seminário Adventista Latino-americano (Salt-Unasp). Participa do Grupo de Pesquisa em Literatura Joanina (LIJO) da PUC-SP. E-mail: naftaliguerra35@gmail.com

² As passagens bíblicas em português deste artigo foram citadas a partir da versão Almeida Revista e Atualizada (ARA), 2ª edição, da Sociedade Bíblica do Brasil.



STRUCTURAL PANEL UNIT: THE LITERARY AND THEOLOGICAL ARCHITECTURE OF THE BOOK OF DANIEL

Abstract

This article proposes a synchronic reading of the book of Daniel, advocating its literary and theological unity through a panel structure. Contrary to redactionist views that fragment the work based on historical or linguistic criteria, the study contends that the chapters—written in both Aramaic and Hebrew—are intentionally organized into two parallel and corresponding blocks. The analysis identifies two recurring thematic quadrilaterals spanning the narrative and visionary sections: the first, composed of Daniel 1, 2, 7, and 8, emphasizes the succession of kingdoms, the oppression of the faithful, and divine judgment; the second, composed of Daniel 3–4, 5–6, 9, and 12:3, focuses on idolatrous coercion, angelic deliverance, and decrees of judgment against oppressors. The study highlights that these themes not only transcend the book's linguistic divisions but also repeat and expand across corresponding sections, providing structural cohesion and theological unity. Engaging with scholars such as Shea, Gane, and Doukhan, the article argues that the literary structure reveals God's sovereignty over history and the eschatological future. It concludes that the book of Daniel is a deliberately composed and hopeful work in which the faithfulness of God's people and divine justice converge in an eschatological climax.

Keywords: literary structure; redactional unity; book of Daniel; panel structure.

UNIDAD ESTRUCTURAL EN PANEL: LA ARQUITECTURA LITERARIA Y TEOLÓGICA DEL LIBRO DE DANIEL

Resumen

Este artículo propone una lectura sincrónica del libro de Daniel, defendiendo su unidad literaria y teológica por medio de una estructura en forma de panel. En oposición a las visiones redaccionistas que fragmentan la obra con base en criterios históricos o lingüísticos, el estudio argumenta que los capítulos del libro — escritos en arameo y hebreo — están organizados de manera intencional, formando dos bloques paralelos y correspondientes. El análisis identifica dos cuadriláteros temáticos recurrentes que atraviesan los segmentos narrativos y visionarios: el primero, compuesto por Daniel 1, 2, 7 y 8, con énfasis en la sucesión de los reinos, en la opresión contra los fieles y en el juicio divino; el segundo, por Daniel 3–4, 5–6, 9 y 12:3, con énfasis en la imposición idolátrica, en la liberación angélica y en los decretos de juicio contra los opresores. El estudio destaca que estos temas no solo atraviesan las divisiones lingüísticas del libro, sino que también se repiten y se expanden en secciones correspondientes, otorgando cohesión estructural y unidad teológica. La investigación también dialoga con autores como Shea, Gane y Doukhan, proponiendo que la estructura literaria evidencia la soberanía de Dios en la historia y en el tiempo del fin. El artículo concluye que el libro de Daniel es una composición deliberada y esperanzadora, en la que la fidelidad de los fieles y la justicia divina convergen en un clímax escatológico.

Palabras-clave: estructura literaria; unidad redaccional; libro de Daniel; estructura en panel.



INTRODUÇÃO

A discussão sobre a unidade literária do livro de Daniel tem sido objeto de intensos debates ao longo dos séculos. Tradicionalmente visto como uma obra profética e apocalíptica dividida em dez unidades, o livro apresenta peculiaridades que desafiam sua coesão estrutural, especialmente devido à alternância entre os idiomas hebraico (1:1—2:4a; 8:1—12:13) e aramaico (2:4b—7:28), bem como à transição entre narrativas históricas (cap. 1—6) e visões proféticas (cap. 7—12) (Collins, 1993, p. 29; Dorsey, 2004, p. 259; Hartman; Di Lella, 2008, p. 9-11; Montgomery, 1927, p. 88-90).

A crítica histórico-literária clássica, representada por estudiosos como Spinoza, Newton e L. Bertholdt, frequentemente concluiu pela composição fragmentária e pela autoria múltipla do texto. Ainda hoje, a maioria dos estudiosos críticos sustenta a hipótese de que Daniel é uma coletânea de documentos reunidos editorialmente (Barton, 1898, p. 62-63; Champlin, 2001, v. 5, p. 3367, 3370; Collins, 1993, p. 26-28; Hartman; Di Lella, 2008; House, 2018, p. 8-9).

Em vista disso, a questão da unidade literária e estrutural é relevante, especialmente se o livro de Daniel for considerado uma obra apocalíptica coesa. Conforme observa Baldwin (2017, p. 64), se de fato o texto for uno, sua estrutura interna deve refletir essa unidade.

Nesse contexto, uma contribuição significativa foi oferecida por A. Lenglet (1972, p. 169-190), o primeiro a propor uma estrutura concêntrica para a seção aramaica do livro de Daniel (Dn 2:4b—7:28). Em sua análise, o autor identificou paralelismos temáticos entre os capítulos 2 e 7, 3 e 6, e 4 e 5. No entanto, sua proposta apresenta uma limitação importante: não abrange a seção hebraica do livro (Shea, 2009, p. 202).

Com o objetivo de suprir essa lacuna, diversos estudiosos — como Shea (2009, p. 202-204), Doukhan (1987, p. 3-6), Tanner (2003, p. 277), Hamilton Jr. (2015, p. 82-83) e Steinmann (2008, p. 21-23) — propuseram estruturas quiasmáticas também para a parte hebraica, além de modelos que articulam as seções aramaica e hebraica em um esquema unificado. No entanto, essa tarefa tem se mostrado desafiadora, refletindo-se na variedade de propostas interpretativas apresentadas até hoje. Isso se deve, em grande parte, ao fato de que, enquanto



a simetria literária da parte aramaica é mais evidente, a estrutura da seção hebraica não se apresenta de forma tão clara e definida.³

Diante desse impasse, o presente estudo propõe uma leitura sincrônica do livro de Daniel, partindo da hipótese de que sua composição exhibe um paralelismo em bloco, também conhecido como “escrita em painel” — um recurso estrutural no qual a segunda metade de uma obra espelha tematicamente a primeira. Segundo Davidson (2011, v. 9, p. 88), essa técnica é observável em livros como Jonas e Josué, nos quais há correspondência temática entre as metades da narrativa. A proposta aqui defendida é que o livro de Daniel segue um modelo semelhante, no qual a seção hebraica reflete e responde à aramaica, formando assim um único bloco literário coeso e unificado.

Para avaliar essa hipótese, este estudo será desenvolvido em quatro partes principais. Após esta introdução, a segunda parte apresentará os referenciais teóricos que fundamentam a análise empreendida ao longo da pesquisa. A seguir, será realizada uma análise morfossintática e semântica de três expressões hebraicas-chave: נִצָּדָק (“ser justificado”, Dn 8:14),⁴ שְׁקוּץ (“abominação”, Dn 11:31) e נִתְּרָצָה (“ser determinado”, Dn 9:27), compreendidas aqui como ligações intertextuais entre as seções linguísticas do livro. A terceira parte buscará identificar dois quadriláteros literários e teológicos que apontam para a organização do livro como um único bloco estruturado de partes paralelas e correspondentes. Por fim, na quarta parte serão apresentadas as considerações finais.

Esta é uma pesquisa de natureza bibliográfica, com abordagem qualitativa e fundamentada no método histórico-gramatical. Seu objetivo maior é reafirmar que o livro de Daniel não é uma colcha de retalhos literários, mas uma composição cuidadosamente estruturada, cuja arquitetura teológica revela o Deus que julga, salva, justifica e reina soberanamente sobre a história.

³ Miller (1994, p. 51-52) aponta que há dois métodos predominantes para se determinar a estrutura geral do livro de Daniel: a divisão com base nos idiomas utilizados (hebraico e aramaico) ou segundo o gênero literário (narrativas e visões apocalípticas). Nesse sentido, ele se distancia da proposta de A. Lenglet (1972, p. 169-190), que sugeriu uma estrutura concêntrica com base na seção aramaica (Dn 2:4b-7:28) ao propor um modelo estrutural fundamentado no critério literário. Na mesma linha, Gooding (1981, p. 43-79) e Goldingay (1989, p. 325-326), ao compor suas respectivas estruturas, não capturam os pontos de contato entre os capítulos 2 e 7, 3 e 6, e 4 e 5, propondo, dessa forma, uma abordagem alternativa à de Lenglet.

⁴ Os textos bíblicos em hebraico deste artigo foram citados a partir da *Bíblia Hebraica Stuttgartensia* impressa pela German Bible Society, em 2003.



REFERENCIAIS TEÓRICOS E FUNDAMENTOS EXEGÉTICOS PARA A ESTRUTURA DO LIVRO DE DANIEL

A compreensão da arquitetura literária e teológica do livro de Daniel exige não apenas a identificação de padrões narrativos e linguísticos, mas também uma análise cuidadosa de termos-chave e suas implicações teológicas e estruturais na composição da obra. Esta seção reúne os principais referenciais teóricos que fundamentam a metodologia adotada nesta pesquisa, abordando cinco eixos interpretativos: (1) a divisão idiomática hebraico-aramaica como critério estruturante; (2) a função simbólica dos relatos narrativos como microrrepresentações escatológicas; (3) a aplicação do paralelismo sintético em nível macroestrutural; (4) a divisão do livro de Daniel em oito seções; e (5) critérios determinantes para se estabelecer a unidade composicional.

Além disso, serão examinadas com maior profundidade três expressões hebraicas centrais, consideradas neste estudo como importantes chaves intertextuais. A análise morfosintática e semântica desses termos visará evidenciar sua função teológica como elementos de coesão entre as seções aramaica e hebraica do livro, reforçando a unidade temática da obra e sua intenção profética.

Fundamentos teóricos para uma leitura literária e teológica de Daniel

Esta pesquisa apoia-se em cinco referenciais teóricos centrais que sustentam sua proposta de leitura estrutural e teológica do livro de Daniel. O primeiro referencial diz respeito ao critério de estruturação adotado. Miller (1994, p. 51-52) identifica duas abordagens predominantes para delinear a arquitetura do livro: a divisão baseada nos idiomas utilizados (hebraico e aramaico) e a distinção segundo o gênero literário (narrativas e visões apocalípticas). Este estudo adota como ponto de partida a divisão idiomática, por considerar que ela melhor reflete as intenções retóricas e teológicas do autor.⁵

⁵ A pesquisa acadêmica tem, em sua maioria, explicado o bilinguismo no livro de Daniel com base na história da composição ou da tradução do texto. No entanto, tais explicações têm conduzido a um impasse. Além de se mostrarem insuficientes para elucidar adequadamente o fenômeno, elas tampouco têm produzido consenso entre os estudiosos. Por esse motivo, Morrow (2022, p. 1-24), apoiando-se em diversos teóricos especializados, propõe a adoção de métodos de abordagem não diacrônicos, os quais têm se mostrado frutíferos ao longo das últimas duas décadas.



Dessa forma, a alternância linguística, embora interpretada por abordagens redacionistas como evidência de múltiplas fontes ou autores (Collins, 1993), aqui será vista como um recurso retórico deliberado (Dorsey, 2004, p. 259; Morrow, 2022, p. 2, 7, 372-373).⁶

O segundo referencial teórico parte da hipótese de que os episódios narrativos envolvendo Daniel e seus amigos na seção aramaica funcionam como modelos simbólicos em miniatura — representações condensadas de realidades escatológicas mais amplas. Esta abordagem segue o princípio descrito por Timm (2004, p. 36-37), que identifica em Números 13—14 e Ezequiel 4 representações microcósmicas (espias, tijolos, encenações proféticas) que simbolizam contextos e realidades macrocósmicas (tribos de Israel, destruição de Jerusalém). Tal método, descrito como “simbolização em miniatura”, é característico da linguagem profética e pode lançar luz sobre a estrutura de Daniel.

Nesse sentido, episódios como os livramentos descritos em Daniel 3 e 6, ou os juízos contra Nabucodonosor e Belsazar (Dn 4—5), não apenas retratam eventos históricos, mas antecipam verdades teológicas mais amplas que se desdobram na seção hebraica. Assim, este estudo entende que os relatos aramaicos refletem — em chave narrativa — as grandes revelações proféticas presentes na seção hebraica. Hamilton Jr. (2015, p. 69, grifo nosso) declara:

[...] O “fim do tempo” (1:18) no qual Daniel sofre antes de sua exaltação (1:17-20) é uma espécie de *parábola encenada* que tipifica o “fim do tempo” em que o povo de Deus sofrerá antes de receber o reino. Como pode ser observado no padrão de sofrimento seguido pela exaltação, existem *fortes conexões temáticas* entre as narrativas históricas em Daniel 1—6 e as visões apocalípticas em Daniel 7—12.

O terceiro referencial teórico diz respeito ao uso sistemático, no livro de Daniel, do recurso literário conhecido como “paralelismo progressivo”, também chamado “paralelismo sintético” (Osborne, 2009, p. 290; Silva, 2022, p. 227). Trata-se de uma técnica em que visões sucessivas abordam os mesmos eventos ou períodos históricos, mas com detalhes ampliados e aprofundamento teológico crescente (Baldwin, 2017, p. 67; Ferch, 2009, p. 33; Shea, 2009, p. 134). Essa técnica é especialmente verificável na poesia hebraica em que “o segundo verso

⁶ O uso do aramaico, língua da diplomacia e administração imperial no período pós-exílico, aponta para uma audiência mais ampla, possivelmente gentílica, a quem são comunicadas mensagens sobre a soberania universal de Deus. Já o hebraico, tradicionalmente associado à identidade e culto de Israel, parece direcionar-se primariamente ao público judeu, transmitindo visões mais específicas sobre o destino escatológico do povo de Deus (Baldwin, 2017, p. 32; Dorsey, 2004, p. 259). É com base nessa perspectiva que o presente estudo orienta sua análise.



poético acrescenta ao primeiro uma ideia de completude, *ampliação ou intensificação*” (Davidson, 2011, p. 87, grifo nosso).

Embora esse recurso seja geralmente identificado entre linhas poéticas, nada impede que ele se manifeste também entre unidades literárias maiores. Nesses casos, o paralelismo não se restringe a versos ou estrofes, mas ocorre em nível macro, entre perícopes, seções ou capítulos inteiros, compondo o que se chama de paralelismo literário ou estrutural sintético.

No entanto, observa-se que muitos intérpretes do livro de Daniel, ao reconhecerem tal fenômeno, tendem a enfatizar aspectos como repetição e ampliação temática, mas frequentemente negligenciam a complementariedade ou “completude”, que é igualmente característica dessa técnica (Davidson, 2011, p. 87; Osborne, 2009, p. 290-291).

Um exemplo ilustrativo ocorre nos capítulos 3 e 6 de Daniel. Ambos apresentam a perseguição religiosa como tema central, sendo que o capítulo 3 omite Daniel e focaliza seus três amigos, ao passo que o capítulo 6 omite os amigos e centra-se em Daniel. Assim, juntos, os dois capítulos formam um mosaico completo, retratando os quatro jovens sendo provados por sua fidelidade a Deus. Aqui, compreende-se que a complementariedade entre os capítulos, mais do que a mera semelhança temática, é o que estabelece a conexão entre eles.

O quarto referencial teórico diz respeito ao número de seções que compõem o livro de Daniel. Embora seja comum entre os estudiosos a divisão da obra em dez seções — correspondentes aos capítulos 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9 e 10—12 (Dorsey, 2004, p. 259) —, o presente estudo propõe uma estrutura alternativa, composta por oito seções seguidas de um epílogo. Nessa proposta, as seções abrangem os seguintes blocos: 1; 2; 3—4; 5—6; 7; 8; 9; 10—12:3; sendo o epílogo delimitado em 12:4-13. Tal organização se justifica pelo fato de que os capítulos 3 e 4 formam uma unidade literária centrada nas experiências de Nabucodonosor, enquanto os capítulos 5 e 6 compõem um díptico focado na derrocada da Babilônia e no início da administração medo-persa. Essa leitura evidencia uma intencionalidade estrutural que transcende divisões meramente capitulares.

O quinto e último referencial teórico diz respeito aos critérios utilizados para evidenciar a unidade redacional de um texto. De acordo com Lima (2014, p. 87), a coesão e a coerência textual manifestam-se em pelo menos três esferas distintas. No plano sintático e estilístico, evidenciam-se por meio do uso de pronomes referenciais, repetições lexicais e conectivos que articulam as orações. No plano semântico, são percebidas pela recorrência temática e pela repetição de termos e ideias fundamentais ao longo do texto. Já no plano pragmático, a



coerência é identificada na direção global do discurso, revelando a intenção comunicativa que orienta a construção textual. Nesse mesmo sentido, Shea (2009, p. 133; grifo nosso) considera que:

A evidência para a unidade de um livro bíblico deve ser retirada de sua *clara estrutura literária integrada, de temas teológicos comuns* que se apresentam na obra *e de uma variedade de elementos linguísticos* — pequenos aspectos básicos — que servem para atar o todo.

O presente estudo parte dessas proposições como critérios determinantes para se estabelecer a unidade composicional do livro de Daniel. Contudo, antes de buscar alcançar o objetivo proposto, torna-se necessário realizar uma breve análise morfosintática e semântica dos termos נִצָּדָק (“será justificado”, Dn 8:14), שְׁקוּץ (“abominação”, Dn 11:31) e נִחְרָצָה (“foi determinado”, Dn 9:27). Tais expressões são aqui consideradas como pontes de interligação entre as partes aramaica e hebraica do livro de Daniel. Essa análise será desenvolvida na próxima subseção.

A expressão נִצָּדָק em Daniel 8:14: significado e implicações teológicas

A expressão נִצָּדָק em Daniel 8:14 ocupa lugar central na teologia escatológica do livro de Daniel. A declaração completa da profecia — “até duas mil e trezentas tardes e manhãs; então o santuário será purificado (וְנִצָּדָק הַקֹּדֶשׁ)” — surge como clímax de uma visão apocalíptica que descreve o surgimento de um poder opressor, a profanação do santuário e a perseguição ao povo santo. A vindicação anunciada por נִצָּדָק sinaliza, portanto, o ponto de virada no conflito escatológico descrito na visão.

O termo hebraico נִצָּדָק é um *hápax legomenon*, ou seja, ocorre exclusivamente nesse versículo em todo o Antigo Testamento (Galvão, 2024, p. 142). Ele encontra-se na forma nifal (passiva ou reflexiva) do verbo hebraico נָצַד, que carrega a ideia básica de “ser justo”, “ser reto” (Brown; Driver; Briggs, 1977, p. 842).

Na forma passiva do nifal, esse verbo pode assumir os sentidos de: (1) “ser trazido (de volta) aos seus direitos, ser vindicado” (Holladay; Köhler, 2000, p. 303); ou (2) “ser feito correto/limpo (purificado)” (Koehler; Baumgartner *apud* Galvão, 2024, p. 142).

Em Daniel 8:14, o sujeito passivo da ação é o santuário (קֹדֶשׁ), o que leva a entender que a ação de “justificação”, “purificação” ou “restauração” diz respeito ao espaço sagrado



que havia sido profanado. Embora todos os sentidos supracitados sejam válidos dependendo do aspecto que o intérprete pretende enfatizar, neste estudo será considerada a tradução “será justificado” (traduzido na voz passiva), pois ela conserva o sentido primário e literal expresso pelo verbo hebraico צָדַק “ser justo” (Gane, 2015, p. 214).

Nesse sentido, a expressão נִצָּחָה funciona como uma cláusula de resolução divina: após um período determinado de agressão e desolação, Deus intervém para restaurar a ordem violada, vindicar Seu santuário profanado e Seu povo oprimido.

O uso do substantivo שְׁקוּץ na Bíblia Hebraica e sua aplicação em Daniel

O termo hebraico שְׁקוּץ (*shiquṣ*), traduzido por “abominação” na versão Almeida Revista e Atualizada (ARA), constitui um elemento-chave para a interpretação de Daniel. Do ponto de vista morfológico, trata-se de um substantivo masculino, comum, singular e absoluto com significado relacionado a elementos considerados repulsivos ou contaminados. Conforme o léxico de Brown, Driver e Briggs (1977, p. 1055), a palavra designa algo “detestável”, frequentemente vinculado à idolatria e às práticas religiosas pagãs.

Essa expressão ocorre três vezes no livro de Daniel (Dn 9:27; 11:31; 12:11), sendo seu uso em Daniel 11:31 particularmente revelador. O texto declara: *“Dele sairão forças que profanarão o santuário, a fortaleza nossa, e tirarão o sacrifício diário, estabelecendo a abominação desoladora”* (Dn 11:31, grifo nosso). Trata-se da única ocorrência em que o termo aparece com o artigo definido הַ (*ha-*), formando הַשְׁקוּץ — “a abominação”. Essa construção não apenas individualiza a referência, mas indica também que se trata de uma entidade concreta e reconhecível, possivelmente uma divindade pagã introduzida no espaço sagrado, em uma ação de profanação deliberada.

A hipótese de que *shiquṣ* denota uma divindade idólatra é fortalecida por sua ocorrência fora do livro de Daniel, em especial nas passagens de 1 Reis 11:7 e 2 Reis 23:13. Nesses textos, o substantivo aparece para descrever divindades estrangeiras como Milcom, Quemosh, Moloque e Astarote — designadas explicitamente como “abominação” (שְׁקוּץ) pelas Escrituras.

De acordo com os evangelhos, o próprio Cristo retoma o vocábulo em Mateus 24:15: “Quando, pois, virdes o *abominável* da desolação de que falou o profeta Daniel, no lugar santo



(quem lê entenda), então, os que estiverem na Judeia fujam para os montes” (Mt 24:15; grifo nosso). Por causa desse intertexto, um segmento considerável de estudiosos tem interpretado a “abominação desoladora” referida em Daniel como uma alusão direta à destruição de Jerusalém no ano 70 d.C. (Núñez, 2006, v. 2, p. 137; Doukhan, 2019, p. 16, 174), quando os sacrifícios contínuos cessaram definitivamente (Schürer, 2023, v. 1, p. 665), e, posteriormente, no reinado de Adriano, foi construído um templo dedicado a Júpiter na área anteriormente ocupada pelo santuário judaico (Newton, 1733, p. 164; Schürer, 2023, v. 1, p. 725).

É importante destacar, contudo, que a aplicação da “abominação desoladora” referida no texto de Daniel não se restringe a esse evento histórico. De acordo com Doukhan (2019, p. 174), a expressão deve ser compreendida como possuindo uma dupla aplicação: referindo-se tanto à destruição do templo pelos romanos quanto aos eventos escatológicos ligados ao tempo do fim, conforme indicado em Daniel 12:11.

Diante disso, e para fins de delimitação conceitual no presente estudo, considera-se que a expressão **שְׁקוּץ** em Daniel designa uma figura idólatra visível no caso, Júpiter, divindade suprema do panteão romano — no espaço — sagrado do templo, como ocorreu sob o imperador Adriano (Schürer, 2023, v. 1, p. 725). O uso do termo no singular com artigo definido (**הַשְׁקוּץ**) reforça sua função de designar uma entidade identificável, concreta e objetiva no processo de profanação do culto verdadeiro, como parte de uma narrativa escatológica mais ampla de oposição ao santuário e à soberania divina.

A expressão **נְחֻצָּה em Daniel 9:27 e 11:36: a determinação divina**

A expressão **נְחֻצָּה** ocorre duas vezes na seção hebraica do livro de Daniel: em Daniel 9:27, no encerramento da profecia das setenta semanas, e em 11:36, no contexto da ascensão e queda de um rei arrogante que se opõe a Deus. Em ambas as passagens, o termo possui um peso escatológico, expressando uma ação de julgamento, extermínio e soberania divina (Doukhan, 2019, p. 49), especialmente em face da agressão perpetrada por um poder hostil contra seu santuário e seu povo.

A palavra **נְחֻצָּה** deriva da raiz hebraica **נָחַץ**, cujo sentido primário é “cortar, afiar, decidir” (Brown; Driver; Briggs, 1977, p. 358). A forma **נְחֻצָּה** é um particípio nifal (voz passiva ou reflexiva), e pode ser traduzida como “uma consumação e decisão estrita (ou seja, aquilo que é estritamente determinado), determinação estrita da desolação” (Brown; Driver; Briggs,



1977, p. 358), “o que é determinado, um fim determinado” (Holladay; Köhler, 2000, p. 117), “ser decretado (decidido), ser decidido com autoridade; frequentemente associado à emissão de um decreto” (Brannan, 2020).

A expressão נְהַרְצָה, portanto, funciona como um decreto divino, uma cláusula que expressa a justiça retributiva de Deus no livro de Daniel. Na próxima seção analisará como os termos נְהַרְצָה e נְשַׁקֵּץ interligam as seções linguísticas do livro, conferindo-lhe unidade.

CAMINHOS PARA A ESTRUTURAÇÃO LITERÁRIA EM BLOCO DO LIVRO DE DANIEL

Esta seção tem como objetivo identificar dois quadriláteros de caráter literário-teológico que sustentam a proposta de que o livro de Daniel foi intencionalmente composto como um bloco estrutural único, formado por duas partes paralelas e correspondentes.

Considerando que, por princípio metodológico, a abordagem sincrônica deve preceder a diacrônica (Silva, 2009, p. 80, 82), esta seção busca responder uma pergunta elaborada por Shea (2009, p. 133): o livro de Daniel é produto de vários autores que escreveram durante um período de vários séculos, como afirma a escola crítica, ou existem indicadores no documento que apontam para uma autoria única, como declaram os eruditos conservadores?

Esta seção do estudo visa demonstrar a unidade e a intencionalidade literária do livro por meio da identificação de paralelos estruturais entre suas seções redigidas em hebraico e aramaico.

Sucessão de reinos: opressão, justificação e juízo no livro de Daniel: conexões entre os capítulos 2, 7, 1 e 8.

O objetivo desta subseção é demonstrar como os capítulos 1, 2, 7 e 8 do livro de Daniel se refletem mutuamente por meio de quatro temas recorrentes que os interligam de modo intencional e coeso. São eles: (1) a sucessão dos quatro reinos; (2) a opressão contra os fiéis; (3) a justificação divina e (4) o juízo sobre o agente opressor.

Esses temas, distribuídos entre os capítulos 1, 2, 7 e 8, atravessam as seções aramaica e hebraica do livro formando um quadrilátero estrutural que articula passado, presente e futuro sob a ótica do domínio soberano de Deus.



Reinos em sucessão: a inter-relação entre os capítulos 1, 2, 7 e 8

O primeiro eixo temático que une os capítulos 1, 2, 7 e 8 está relacionado aos quatro reinos em sucessão. Nesse sentido, os capítulos 2 e 7 apresentam paralelos significativos dentro da macroestrutura do livro. Em Daniel 2, quatro reinos sucessivos são representados por quatro metais distintos na estátua do sonho de Nabucodonosor; por sua vez, em Daniel 7, essa mesma sucessão é simbolizada por quatro animais que emergem do mar, evidenciando um paralelismo claro entre os dois capítulos.⁷

É importante, contudo, destacar que o capítulo 7 não constitui uma simples repetição do capítulo 2. Embora retome a estrutura dos quatro reinos, ele a desenvolve de forma mais elaborada, introduzindo elementos inéditos — como o “chifre pequeno” — e aprofundando outros temas que haviam sido apenas sugeridos anteriormente (Tanner, 2003, p. 273).

Estudiosos como Baldwin (2017, p. 67), Ferch (2009, p. 33) e Shea (2009, p. 133) referem-se à relação entre os capítulos 2 e 7 de Daniel como exemplo de “paralelismo progressivo”, expressão que designa uma estrutura em que temas semelhantes são retomados com ampliação e aprofundamento. No presente estudo, entretanto, pressupõe-se que, embora seja válido, esse padrão de repetição e desenvolvimento nem sempre se verifica com precisão em todas as relações literárias internas do livro. Em muitos casos, a conexão entre as seções do livro se dá mais propriamente por meio da complementariedade do que por mera repetição ou progressão formal.

Essa perspectiva de complementariedade pode ser especialmente observada na relação entre os capítulos 1 e 8, ambos redigidos em hebraico. O capítulo 1 estabelece o cenário histórico inicial com a conquista de Jerusalém pela Babilônia, incluindo a deportação de jovens hebreus e a profanação do templo (Dn 1:1-2), configurando um ponto de partida tanto narrativo quanto teológico. Já o capítulo 8, embora não mencione diretamente a Babilônia, apresenta a sequência dos impérios por meio da visão do carneiro e do bode, identificados como a Média e a Pérsia (Dn 8:20) e a Grécia (Dn 8:21), culminando na emergência de um poder descrito como “chifre pequeno”, que se opõe diretamente ao culto e à verdade (Dn 8:9).

⁷ Hamilton Jr (2015, p. 76) e Shea (2009, p. 137-141) apresentam uma análise abrangente das correspondências lexicais, temáticas e teológicas entre os capítulos 2 e 7 de Daniel. Por esse motivo, não se faz necessário reproduzir aqui todas essas mesmas ênfases.



A ausência da Babilônia em Daniel 8 não implica sua irrelevância, mas sim indica que já fora contemplada no capítulo introdutório. Desse modo, os capítulos 1 e 8 se complementam mutuamente: o primeiro introduz a sucessão imperial com foco na Babilônia, enquanto o segundo a retoma a partir da Pérsia, ampliando a compreensão do fluxo histórico profético. Ambos, portanto, participam de uma mesma moldura temática e teológica que apresenta a progressão dos poderes mundiais e a oposição ao povo de Deus.

Essa inter-relação sugere uma organização literária mais ampla, na qual os capítulos hebraicos 1 e 8 se espelham, em termos temáticos, com os capítulos aramaicos 2 e 7. Tanto 2 e 7 quanto 1 e 8 lidam com a sucessão dos impérios e o surgimento de um poder opressor denominado “chifre pequeno” (Dn 7:8; 8:9), articulando, assim, um painel estruturado em forma de paralelismo composicional que une os quatro capítulos (1, 2, 7 e 8).

A opressão aos fiéis como eixo temático entre os capítulos 1, 2, 7 e 8

Além do tema da sucessão dos impérios mundiais, outro eixo temático que contribui para a articulação estrutural e unidade dos capítulos 1, 2, 7 e 8 do livro de Daniel é o da opressão sistemática contra os fiéis do Altíssimo. Essa temática, longe de estar restrita aos capítulos apocalípticos, já se insinua nas narrativas iniciais, assumindo ali a forma de modelos simbólicos que prefiguram conflitos mais amplos e escatológicos.

No capítulo 1, a imposição da dieta real — “a ração diária, das finas iguarias da mesa real e do vinho que ele bebia” (Dn 1:5) — representa mais do que uma simples questão alimentar; ela configura uma tentativa de assimilação cultural e religiosa forçada com o objetivo de apagar a identidade religiosa dos jovens hebreus por meio da reeducação babilônica. Esse processo de assimilação inclui também a mudança de seus nomes hebraicos para nomes babilônicos (Dn 1:6-7), um gesto simbólico que visava desassociá-los de sua identidade religiosa e inseri-los plenamente na cultura do império (Doukhan, 2017, p. 16-17).

O desafio enfrentado por Daniel e seus companheiros, ao recusarem esse alimento e permanecerem fiéis à sua fé, ilustra a tensão entre a lealdade ao Deus de Israel e a imposição dos sistemas opressores.

No capítulo 2, a ameaça de extermínio dos sábios — dos quais Daniel e seus amigos fazem parte (Dn 2:12-13) — amplia essa tensão, revelando o potencial persecutório do poder imperial quando confrontado com a incapacidade de controlar o conhecimento revelado por



Deus. Assim, os capítulos 1 e 2 apresentam, em forma microscópica, a tipologia de uma opressão que, nos capítulos 7 e 8, assume proporções escatológicas.

Em Daniel 7, o “chifre pequeno” emerge como figura de um poder blasfemo e perseguidor, que “fazia guerra contra os santos e prevalecia contra eles” (Dn 7:21), retratando uma perseguição intensificada. De maneira semelhante, Daniel 8 descreve esse mesmo poder como aquele que “cresceu até atingir o exército dos céus; a alguns do exército e das estrelas lançou por terra e os pisou” (Dn 8:10), culminando na profanação do santuário (Dn 8:11) e na interrupção do culto verdadeiro.

Assim, os capítulos narrativos e visionários, ainda que distintos em gênero e linguagem, convergem em nível semântico ao evidenciar o embate entre os fiéis e os poderes opressores. Dessa forma, a perseguição contra os santos, sugerida nos episódios históricos dos capítulos 1 e 2, é expandida e intensificada nas visões dos capítulos 7 e 8, estabelecendo um contínuo narrativo-teológico que une essas seções por meio de uma progressão simbólica e temática. Essa continuidade reforça a unidade literária do livro e revela uma teologia da resistência que perpassa toda a obra: o chamado à fidelidade em meio à opressão sistemática dos impérios humanos.

A justificação divina como tema unificador em Daniel 1—2 e 7—8

Um terceiro eixo temático que contribui para a unidade literária e teológica dos capítulos 1, 2, 7 e 8 do livro de Daniel é a atuação justificadora de Deus diante da opressão dos fiéis. Esse tema se desenvolve progressivamente, começando com episódios históricos de intervenção de Deus em favor de Seus servos e culminando na afirmação escatológica de Sua justiça no cenário apocalíptico.

Nos capítulos 1 e 2, a fidelidade de Daniel e seus companheiros em meio à pressão por assimilação e ameaça de morte é respondida com atos concretos de vindicação por parte de Deus. Em Daniel 1, o texto afirma que “Deus concedeu a Daniel misericórdia e compreensão da parte do chefe dos eunucos” (Dn 1:9), o que possibilita que os jovens hebreus mantenham sua dieta conforme os ditames da consciência. Ao final do período de provação, são reconhecidos como “dez vezes mais doutos do que todos os magos e encantadores que havia em todo o seu reino” (Dn 1:20), evidenciando a aprovação e o favorecimento divino.



Esse padrão de intervenção se repete no capítulo 2. Diante da ameaça de extermínio, a revelação do sonho de Nabucodonosor é concedida a Daniel “numa visão de noite” (Dn 2:19), permitindo não apenas sua sobrevivência, mas também a salvação de seus companheiros e a obtenção de uma posição de destaque na corte (Dn 2:46-49). Esses episódios funcionam como prefigurações simbólicas, representando em escala reduzida a vindicação final dos santos do Altíssimo diante dos poderes opressores.

Nos capítulos visionários 7 e 8, o tema da justificação assume uma dimensão escatológica.⁸ Em Daniel 7:22, o juízo divino é apresentado como o termo aramaico דִּינָא (*dînâ*), que significa “fez justiça”: “[...] até que veio o Ancião de Dias e *fez justiça* aos santos do Altíssimo” (grifo nosso), estabelecendo a reabilitação pública e definitiva dos oprimidos. Já em Daniel 8:14, a linguagem hebraica utiliza o termo נִצְדָק (*nitsdaq*), traduzido como “será justificado”: “[...] até duas mil e trezentas tardes e manhãs; e o santuário *será justificado*” (grifo nosso). Ainda que distintos em forma, idioma e classe gramatical, ambos os termos convergem semanticamente na ideia de vindicação e restauração daquilo que havia sido violado, seja o povo fiel, seja o culto e o santuário.⁹

Dessa maneira, os capítulos 1—2 e 7—8, embora separados por gênero literário e idioma, formam um quadrilátero temático centrado na justiça de Deus.¹⁰ Nos episódios narrativos, essa justiça manifesta-se por meio da providência e exaltação dos fiéis em contextos históricos; nas visões apocalípticas, ela se expressa como um ato escatológico de julgamento e reabilitação. Essa continuidade literário-teológica evidencia a unidade entre os

⁸ J. Paul Tanner (2003, p. 277) observa que o livro de Daniel apresenta uma “sobreposição estrutural”, com duas divisões principais: os capítulos 2—7 e 7—12, sendo o capítulo 7 uma ponte entre ambas. Essa leitura é compartilhada por Doukhan (1987, p. 3-6) e por Steinmann (2008, p. 23), que consideram Daniel 7 como a parte final do quiasmo aramaico e, simultaneamente, a inicial do quiasmo hebraico — funcionando como dobradiça estrutural e capítulo central da obra. O presente estudo, contudo, propõe uma abordagem distinta: embora reconheça conexões entre os capítulos 7 e 8, sustenta que Daniel 7 constitui o centro simbólico da unidade aramaica (2—7), enquanto Daniel 8 ocupa posição análoga na seção hebraica (8—12), conforme argumentam Gane (2024, p. 203-204) e Morrow (2022, p. 173).

⁹ Nesse contexto, é importante destacar que a relação entre os termos דִּינָא (Dn 7:22) e נִצְדָק (Dn 8:14) se estabelece exclusivamente no plano semântico. Não se trata de uma conexão lexical, já que os vocábulos pertencem a línguas diferentes — aramaico e hebraico, respectivamente —, nem morfológica, visto que דִּינָא é um substantivo (“justiça”) e נִצְדָק é um verbo (“ser justificado”). Ainda assim, observa-se entre eles uma complementariedade conceitual. Enquanto Daniel 8:14 não explicita quem é o agente da ação de justificar, a correlação semântica com Daniel 7:22 — onde o “Ancião de Dias” concede a “justiça” em favor dos santos — sugere implicitamente que esse mesmo personagem divino é o sujeito da ação também em Daniel 8:14.

¹⁰ Shea (2009, p. 147-154, 161-168) desenvolve ampla abordagem sobre diversas outras correspondências lexicais, temáticas e teológicas entre os capítulos 7 e 8 de Daniel. Por esse motivo não é necessário replicar todas essas mesmas ênfases aqui.



segmentos 1, 8, 2 e 7 e estabelece o princípio de que, em todo o curso da história — do exílio babilônico até os tempos do fim — Deus justifica e vindica os que lhe permanecem fiéis.

O juízo divino como declaração da transitoriedade dos impérios

O quarto e último eixo temático que confere unidade aos capítulos 1, 2, 7 e 8 do livro de Daniel é o do juízo divino frente à opressão perpetrada contra seus fiéis. Esse juízo revela a transitoriedade dos poderes humanos e sua inevitável submissão à autoridade suprema de Deus. Ainda que esse tema não se apresente de forma explícita no capítulo 1, ele está implicitamente sugerido na declaração conclusiva: “Daniel continuou até ao primeiro ano do rei Ciro” (Dn 1:21).

Essa breve menção, ao projetar a continuidade de Daniel até o início do domínio persa, funciona como um indício narrativo da caducidade do império babilônico. O império que impôs assimilação cultural, religiosa e pressão sobre os jovens hebreus (Dn 1:3-7), acaba sendo superado pela providência divina, sugerindo um juízo implícito contra o poder opressor.

Essa mesma linha temática se desenvolve com mais clareza no capítulo 2, onde o rei Nabucodonosor, inicialmente apresentado como um governante arrogante e ameaçador (Dn 2:5, 12-13), acaba por se render diante da revelação divina (Dn 2:46-47). O conteúdo do sonho, interpretado pelo profeta, revela de maneira inequívoca a transitoriedade dos impérios humanos — inclusive o de Babilônia — e anuncia a instauração de um reino eterno, “que jamais será destruído” (Dn 2:44). Assim, o juízo divino é apresentado como força que estabelece limites ao poder humano e introduz uma nova ordem fundamentada na soberania celestial.

Nos capítulos visionários, esse tema atinge seu ápice escatológico. Em Daniel 7, a sequência das potências mundiais culmina em uma cena de juízo cósmico, na qual o “Ancião de Dias” estabelece tribunal, abre-se um livro, e é emitida a sentença contra o poder opressor representado pelo “chifre pequeno”: “foi morto o animal e o seu corpo destruído, entregue para ser queimado” (Dn 7:11; cf. v. 26). O julgamento é descrito com solenidade e autoridade, marcando o fim do domínio usurpador e a entrega do reino “ao povo dos santos do Altíssimo” (Dn 7:27).

O capítulo 8, embora não apresente a cena de juízo em moldes tão desenvolvidos como em Daniel 7, também sugere o desfecho judicial do poder perseguidor. O “chifre pequeno”, que se exaltava contra o santuário e a verdade, será finalmente “quebrado, sem auxílio de



mãos humanas” (Dn 8:25), ecoando o julgamento punitivo executado por ação divina. Ainda que por limites de espaço não se explore aqui o conjunto completo das implicações ligadas a “juízo” no capítulo 8, o anúncio de sua derrocada final reforça a ação retributiva do juízo de Deus.

Desse modo, forma-se mais uma conexão temática entre os capítulos 1—2 e 7—8: a justiça divina manifesta-se não apenas na preservação dos fiéis, mas também no julgamento e destruição dos poderes opressores. Tal unidade não é apenas literária, mas teológica, pois sustenta a esperança escatológica de que todo império opressor está sujeito à intervenção do juízo divino e à substituição por um reino eterno e justo.

Conclusão parcial

A análise dos capítulos 1, 2, 7 e 8 do livro de Daniel revelou a presença de quatro temas interligados de maneira coesa, deliberada e teologicamente articulada: (1) a sucessão dos quatro reinos; (2) a opressão contra os fiéis; (3) a justificação divina e (4) o juízo sobre o agente opressor. Esses temas cruzam as fronteiras linguísticas e literárias do livro, integrando harmonicamente as seções aramaica e hebraica.

Conforme observa Lima (2014, p. 87, grifo nosso), a coesão e a coerência de um texto manifestam-se em múltiplos níveis, incluindo a correlação semântica “verificável no que *concerne à temática, à repetição de palavras e expressões, de ideias básicas*”, também no nível pragmático: “verificável em relação ao escopo ou *orientação que o conjunto persegue*” (Lima, 2014, p. 87, grifo nosso).

Esse fenômeno é exatamente o que se constata na organização desses quatro capítulos, que operam como espelhos literários e teológicos entre si, revelando sua unidade a despeito de suas fronteiras literárias e linguísticas. Caso se deseje sintetizar esses quatro eixos temáticos em um título-síntese, uma formulação adequada seria: “Reinos em sucessão: opressão, vindicação e juízo divino.”

Esse enunciado capta o movimento central explicitado no texto da dominação imperial à vindicação dos fiéis e à destruição final dos poderes opressores — e condensa, de forma precisa, os principais fios temáticos que percorrem o quadrilátero formado pelos capítulos 2, 7, 1 e 8 de Daniel, conferindo-lhes unidade. Ao interligar passado, presente e futuro sob a ótica do domínio soberano de Deus, esses capítulos não apenas relatam eventos históricos ou visões



escatológicas, mas propõem uma teologia da fidelidade, resistência e esperança que percorre toda a história redentiva.

Miniaturas proféticas narrativas, livramento e juízo escatológico: o decretado contra os profanadores do sagrado

O objetivo desta subseção é demonstrar como os capítulos 3—4, 5—6, 9 e 10:1—12:3 do livro de Daniel se refletem mutuamente por meio de três temas recorrentes que os conectam de maneira coesa e intencional: (1) a imposição idolátrica como forma de coerção religiosa e política; (2) a intervenção divina mediada por seres angelicais e (3) o decreto divino contra opressores e profanadores do sagrado. Esses temas, distribuídos entre as seções aramaica e hebraica do livro, configuram um quadrilátero estrutural que articula passado, presente e futuro sob a perspectiva do domínio de um Deus que opera ativamente na história, livrando Seus servos e julgando os opressores. Essa concepção revela e reforça a unidade teológico-literária da obra.

A profanação do culto como tema unificador: de Daniel 3 e 6 às visões de 9 e 10—12:3

O primeiro eixo temático que conecta os capítulos 3—4, 5—6, 9 e 10:1—12:3 do livro de Daniel é a imposição da idolatria como forma de coerção religiosa e política. Os capítulos 3 e 6 do livro de Daniel compartilham uma estrutura narrativa convergente: ambos descrevem cenários de imposição autoritária de adoração idolátrica, com consequências extremas para os que resistem. Em Daniel 3, Nabucodonosor decreta que todos os povos, nações e línguas devem adorar a תְּסֵלֶם (*tselem*), “imagem” levantada na planície de Dura, sob ameaça de morte na fornalha ardente. Em Daniel 6, embora o termo “imagem” não apareça, o conceito de idolatria política é mantido: um decreto proíbe qualquer petição a deuses ou homens, exceto ao rei Dario, por trinta dias — sob pena de ser lançado na cova dos leões. A coerção cultural e política permanece como elemento central.

Esses relatos não se limitam a testemunhos de fidelidade pessoal, mas possivelmente funcionam como microcosmos simbólicos que projetam realidades proféticas mais amplas. As seções visionárias de Daniel 9 e 10:1—12:3, especialmente, retomam e ampliam a temática



da idolatria imposta, referindo-se repetidamente àquilo que se denomina de “abominação desoladora” (Dn 9:27; 11:31; 12:11).

Nesse sentido, a palavra hebraica שְׁקוּץ (*shiqquš* — “abominação”), empregada nas seções visionárias de Daniel (9; 10-12), estabelece uma conexão semântica direta com o termo צֶלֶם (*tselem* — “imagem”), presente em Daniel 3:1. Ambas as expressões remetem à imposição de elementos idolátricos no lugar da adoração ao Deus verdadeiro. Ainda que Daniel 6 não utilize explicitamente a palavra “imagem”, o princípio da idolatria persiste, agora sob a forma de culto exclusivo ao rei. Assim, forma-se um elo estrutural entre os capítulos 3—4, 5—6, 9 e 10:1—12:3, que revela a recorrência do tema unificador da profanação do culto por meios políticos-religiosos coercitivos.¹¹

Essa convergência literária e temática sugere uma intencionalidade teológica no arranjo do livro, na qual os relatos narrativos e as seções visionárias se entrelaçam para advertir contra sistemas que usurpam a adoração devida a Deus. Ao apresentar padrões repetidos de imposição idolátrica e livramento divino, o livro de Daniel aponta para um conflito escatológico contínuo entre a lealdade ao reino de Deus e as pretensões absolutistas dos poderes terrenos.

Livramento divino e o mensageiro celestial: uma trajetória da opressão à restauração escatológica

A atuação salvadora de Deus, mediada por agentes celestiais, constitui o segundo eixo temático que permeia os capítulos 3—4, 5—6, 9 e 10:1—12:3 do livro de Daniel, evidenciando a presença ativa do Céu na história humana. Em cada um desses segmentos, o livramento não é apresentado apenas como uma intervenção pontual em favor de indivíduos fiéis, mas como parte de um padrão mais amplo, em que Deus responde ao Seu povo com justiça e restauração.

¹¹ À luz de Mateus 24:15 e do uso do termo שְׁקוּץ na Bíblia Hebraica, diversos estudiosos associam a “abominação desoladora” à destruição de Jerusalém e paganização de Jerusalém após a revolta de Bar Kokhba (132-135 d.C.), quando o imperador Adriano transformou a cidade em Aelia Capitolina, instituiu o culto a Júpiter no local do templo e proibiu práticas judaicas essenciais (Doukhan, 2019, p. 16, 174; Newton, 1733, p. 164; Schürer, 2023, v. 1, p. 724-727). A forma singular שְׁקוּץ (Dn 11:31) pode aludir diretamente a Júpiter, enquanto o plural שְׁקוּצִים (Dn 9:27) indicaria a multiplicidade de deuses e práticas idolátricas então introduzidas. Esses eventos ecoam os desafios enfrentados por Daniel nos capítulos 3 e 6, prefiguram conflitos da Idade Média e antecipam exigências escatológicas de culto impostas por poderes opressores, compondo assim uma tipologia centrada na fidelidade a Deus frente à idolatria.



Nesse sentido, Daniel 6 é notadamente paralelo a Daniel 9. A intertextualidade entre esses dois capítulos revela uma intrincada correspondência simbólica e teológica que transcende o plano individual e projeta realidades coletivas.

Em Daniel 6, o profeta é retratado orando com as janelas abertas em direção a Jerusalém — uma ação que, embora simples, carrega profundo significado teológico. Esse gesto não é apenas uma expressão pessoal de fé, mas remete diretamente à oração de Salomão em 1 Reis 8:46-53, na qual o rei, prevendo a possibilidade do exílio, orienta o povo a orar voltado para a cidade santa, clamando por perdão e restauração. Assim, a atitude de Daniel encarna, em miniatura, o clamor de todo o Israel exilado por redenção e restauração.

Em Daniel 9, a oração intercessora do profeta pela nação pode ser entendida como o complemento sintético e teológico do gesto descrito em Daniel 6. O movimento do corpo em direção a Jerusalém encontra agora sua plena expressão no movimento do coração, por meio da súplica penitencial. Daniel, como indivíduo, se torna um símbolo em forma de miniatura de todo o povo de Israel que clama por retorno e libertação diante do Deus da aliança.

A simbologia é ainda mais profunda quando se considera o destino do profeta em Daniel 6. Forçado a descer à cova dos leões, Daniel representa o povo judeu forçadamente lançado ao exílio babilônico, os leões, por sua vez, aludem à própria Babilônia, como sugerido pela figura do leão alado em Daniel 7:4. Nesse cenário, Daniel não é apenas um indivíduo ameaçado por feras, mas o símbolo vivo de um povo cativo diante de um império hostil, cercado pelo risco da aniquilação.

O livramento de Daniel, operado por um anjo enviado por Deus que fecha a boca dos leões (Dn 6:22), encontra paralelo direto em Daniel 9:20-22, onde um mensageiro celestial — o anjo Gabriel — é despachado para atender às súplicas do profeta (Dn 9:21) e garantir-lhe o retorno dos cativos.

No capítulo 10, já no terceiro ano de Ciro, rei da Pérsia, o cenário histórico revela que a promessa do retorno e libertação dos judeus à sua terra havia começado a se cumprir (Doukhan, 2017, p. 163). Tal conquista é apresentada no texto bíblico como resultado de um conflito espiritual invisível, em que um anjo, possivelmente o próprio Gabriel, desempenha papel central (Stefanovic, 2007, p. 384). Conforme o relato, esse ser sobrenatural está engajado em uma intensa batalha contra o “príncipe do reino da Pérsia” (Dn 10:13), figura que representa forças espirituais que atuam por trás dos impérios terrenos, influenciando suas decisões e resistindo aos desígnios divinos para o povo de Deus (Doukhan, 2017, p. 167).



Embora vitórias iniciais tivessem sido conquistadas e a libertação inicial dos judeus já tivesse ocorrido, novas preocupações afligem o coração do profeta. O retorno dos exilados à Terra Prometida se dá de forma lenta e marcada por enormes desafios — oposições políticas, dificuldades econômicas e desânimo espiritual (Doukhan, 2017, p. 163-164; Stefanovic, 2007, p. 377). Diante disso, Daniel, novamente tomado pela angústia, dedica-se ao jejum e à oração durante três semanas (Dn 10:1-2). Esse cenário desfavorável, que implica em risco existencial, reedita de forma ampliada a angústia dos três jovens condenados à morte de Daniel 3 e projeta a angústia do povo de Deus no fim dos tempos (Dn 12:1).

Nesse contexto, o texto revela que a batalha espiritual prossegue. A resistência do “príncipe da Pérsia” é tamanha que exige a intervenção de Miguel, “um dos primeiros príncipes”, cuja autoridade transcende a do anjo interlocutor (Dn 10:13). A presença de Miguel indica uma virada na luta espiritual em favor do povo de Deus, reforçando que a história humana não se desenrola à parte da realidade celestial.

Sensível à angústia de Daniel, o anjo transmite então uma revelação de longo alcance: o mesmo Miguel que atuou garantindo o retorno dos exilados, voltará a intervir no futuro em favor do povo de Deus, desta vez em um glorioso contexto escatológico. Em Daniel 12, Miguel é apresentado como o grande príncipe que se levantará no tempo do fim para assegurar a libertação definitiva dos fiéis (Dn 12:1). Assim, o ciclo iniciado com a restauração parcial no período persa encontrará sua plenitude na restauração final e gloriosa, quando Miguel selará o destino escatológico do povo de Deus.

Nesse contexto, merece destaque a descrição de Miguel em Daniel 10:5-7, cuja aparência gloriosa e majestosa apresenta marcantes paralelos com a visão do Cristo exaltado em Apocalipse 1:9-20. Essa semelhança tem levado alguns intérpretes cristãos a identificarem Miguel como uma manifestação pré-encarnada de Cristo, sendo esta também a posição assumida por Doukhan (2017, p. 170).

Esse mesmo agente de livramento parece estabelecer uma ponte teológica com Daniel 3, onde a figura que intervém no meio da fornalha ardente é descrita como “semelhante a um filho dos deuses” — expressão que, de modo semelhante, tem sido amplamente interpretada por comentaristas cristãos como uma cristofania, ou seja, uma manifestação pré-encarnada do Filho de Deus (Miller, 1994, v. 18, p. 123-124; Steinmann, 2008, p. 26).



Dessa forma, o tema do “livramento mediado por seres angelicais” percorre de modo consistente os capítulos 3—4, 5—6, 9 e 10:1—12:3, conferindo coesão temática e unidade teológica a essas passagens.

Daniel 3 e 6, nesse contexto, deixam de ser apenas uma história de coragem pessoal para se tornar um símbolo profético da trajetória de Israel e, por extensão, da comunidade fiel ao longo da história, culminando no livramento final assegurado por Miguel — identificado como o Filho de Deus exaltado.

Miniaturas proféticas e o juízo final: a tipologia do decretado em Daniel

O terceiro eixo temático que une os segmentos 3—4, 5—6, 9 e 10:1—12:3 é o juízo divino contra os opressores de seu povo e os detratores de Seu santuário. Isso é preliminarmente introduzido nos capítulos 4 e 5 do livro de Daniel, ambos estabelecem um paralelo literário e teológico notável ao relatarem juízos divinos pronunciados contra reis que, tomados por orgulho, atentaram contra o sagrado. Em ambos os episódios, o julgamento de Deus se manifesta como resposta direta à arrogância e ao sacrilégio de governantes que desafiaram a santidade do santuário.

Em Daniel 4, Nabucodonosor, rei da Babilônia, é advertido por meio de um sonho profético, interpretado por Daniel como um apelo ao arrependimento. No entanto, seu orgulho diante da grandeza arquitetônica de sua capital — “esta grande Babilônia que eu edifiquei” (Dn 4:30) — culmina em uma פְּתִיכָא “sentença” ou גְּזֵרָה “decreto” divino que o reduz à condição de animal, impondo-lhe humilhação por sete tempos (Dn 4:16-17).

Já em Daniel 5, Belsazar, filho de Nabonido e último representante da dinastia neobabilônica, comete profanação deliberada ao utilizar os utensílios sagrados do templo de Jerusalém em um banquete regado a idolatria (Dn 5:2-4). Daniel o repreende por ignorar a lição do passado — a humilhação de Nabucodonosor — e por engrandecer deuses pagãos com os vasos consagrados (Dn 5:22-23). Embora não haja nesse texto nenhuma palavra que designe “sentença” ou “decreto” o sentido conceitual está presente, e a sentença divina é direta: o rei foi pesado, achado em falta e seu reino seria dividido (Dn 5:26-28). A execução é imediata: naquela mesma noite, Belsazar é morto (Dn 5:30).

Os dois episódios convergem tematicamente: ambos os reis se voltaram contra o santuário de Deus — Nabucodonosor ao destruí-lo (2Cr 36:17-21), e Belsazar ao profanar seus



utensílios (Dn 5:2-4). A destruição e a profanação são correlacionadas de forma sintética, compondo um quadro antecipatório e completo da agressão ao templo sagrado descrita em Daniel 9:26: “O povo de um príncipe que há de vir destruirá [וְיִשְׁחִית] a cidade e o santuário.” Essa referência reatualiza a destruição perpetrada por Nabucodonosor, usando a mesma raiz relacionada a hebraica הִשְׁחִית, empregada em 2 Crônicas 36:19.

Contudo, a agressão ao sagrado não passa impune. Daniel 9:27 afirma que a “destruição” (כָּלָה) que está “determinada” (נִחְרְצָה) será derramada sobre o destruidor. O termo נִחְרְצָה, traduzido por “determinada”, possui forte conotação jurídica e escatológica, indicando um decreto inalterável. Conforme Brannan (2020), trata-se de uma decisão soberana e definitiva, reforçada pela palavra כָּלָה, que denota a execução do juízo e a derrocada do agressor.

Essa mesma dinâmica reaparece em Daniel 11. O “homem vil” (Dn 11:21), figura profanadora, profana (חִלְלָה) o santuário, remove o sacrifício contínuo e estabelece a abominação desoladora (Dn 11:31), em uma ação que ecoa o sacrilégio e profanação de Belsazar. O texto novamente utiliza a mesma expressão de Daniel 9:27 ao declarar que “aquilo que está determinado (נִחְרְצָה) será feito” (Dn 11:36), reafirmando a certeza do juízo divino.

Embora a execução da sentença seja retardada, seu cumprimento é certo: ao final, o agressor arma suas tendas contra o monte santo, mas “chegará ao seu fim (קֵץ) e não haverá quem o socorra” (Dn 11:45). O termo קֵץ (fim) reforça a ideia da consumação do juízo previamente estabelecido.

Nesse contexto, נִחְרְצָה (“decretado”, “determinado”) estabelece um paralelo lexical direto com sua ocorrência em Daniel 9:27, onde também expressa a irrevogabilidade de um juízo divino. Além disso, há um paralelo semântico com os termos aramaico כְּתִיבָא (“sentença”) e גְּזֵרָה (“decreto”) em Daniel 4:16, ambos empregados para enfatizar decisões soberanas e inalteráveis. Por fim, pode-se perceber um paralelo conceitual com Daniel 5:24-27, onde o julgamento divino é igualmente pronunciado de forma definitiva, revelando o mesmo padrão teológico: o juízo de Deus é proferido com autoridade absoluta e conduz à execução inevitável de Sua vontade.

Portanto, Nabucodonosor e Belsazar não são apenas personagens históricos, mas figuras-tipo que prefiguram agressões maiores e escatológicas ao santuário de Deus. Suas histórias funcionam como miniaturas proféticas que antecipam o conflito final em torno do sagrado e interligam os segmentos 3—4, 5—6, 9 e 10:1—12:3, conferindo-lhes unidade. Nesse



Unidade estrutural em painel: a arquitetura literária e teológica do livro de Daniel

conjunto de episódios, o povo de Deus, assim como Seu santuário, se revelam como eixos sensíveis da economia do juízo divino.

Daniel 12:4-13 como epílogo literário-teológico do livro

O estudo desenvolvido até aqui evidenciou que o livro de Daniel apresenta uma complexa rede de correspondências léxicas, semânticas e temáticas entre suas seções, por meio de estruturas simétricas, paralelismos literários e quadriláteros teológicos que articulam a porção aramaica (Dn 2—7) e a hebraica (Dn 1; 8—12). Essa arquitetura literária reforça a unidade e a intencionalidade da composição, revelando uma teologia coesa que perpassa todo o livro.

Contudo, a seção final — Daniel 12:4-13 — não se encaixa claramente nos padrões estruturais previamente identificados. Essa ausência de simetria formal, longe de indicar marginalidade, aponta para uma função distinta: a de epílogo. Essa unidade retoma e condensa temas centrais, como o tempo profético (Dn 12:7; cf. 7:25), a purificação dos sábios (Dn 12:10; cf. 11:33-35) e a abominação desoladora (Dn 12:11; cf. 9:27; 11:31), além de introduzir os períodos de 1.290 e 1.335 dias, ampliando a moldura escatológica da obra.

Por fim, a promessa dirigida a Daniel no verso 13 — de descanso, ressurreição e herança — confere à obra uma nota de esperança escatológica. Ao concluir com essa declaração, o epílogo conecta a experiência pessoal do profeta ao destino do povo fiel e reafirma a soberania divina sobre o desenrolar da história. Assim, Daniel 12:4-13 sela a unidade teológica do livro, funcionando como uma conclusão literária e espiritual que convoca o leitor à fidelidade perseverante diante do fim determinado por Deus.

Conclusão parcial

A análise dos capítulos 3—4, 5—6, 9 e 10:1—12:3 do livro de Daniel evidenciou a presença de três temas interconectados de maneira unificada, coesa e intencional: (1) a imposição idolátrica como instrumento de coerção religiosa e política; (2) a intervenção divina mediada por seres angelicais e (3) o decreto divino contra opressores e profanadores do sagrado. Esses temas transcendem as divisões linguísticas e literárias da obra, entrelaçando de forma harmoniosa as seções aramaica e hebraica.



Unidade estrutural em painel: a arquitetura literária e teológica do livro de Daniel

Conforme observa Shea (2009, p. 135-136), uma das formas de se reconhecer a unidade de um livro bíblico consiste em “comparar os temas teológicos comuns tratados em seus segmentos individuais”. Nesse sentido, ele acrescenta que “devemos esperar que as mesmas entidades históricas profetizadas nas profecias esboçadas da primeira seção (ou seção aramaica) de Daniel reapareçam nas profecias da segunda seção (ou seção hebraica) de Daniel”.

Esse padrão é precisamente o que se verifica na articulação desses quatro segmentos, os quais funcionam como espelhos literários e teológicos entre si, revelando sua unidade estrutural apesar das distinções formais entre idiomas e estilos. Caso se deseje sintetizar esses três eixos temáticos sob um único enunciado, uma formulação apropriada seria: “Imposição idolátrica, livramento angelical e juízos divinos.” Tal título expressa de forma concisa e precisa o movimento central que percorre o quadrilátero formado pelos capítulos 3—4, 5—6, 9 e 10:1—12:3, conferindo-lhes coesão e integridade teológico-literária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo procurou evidenciar a existência de eixos temáticos recorrentes ao longo de todo o livro de Daniel. A identificação desses temas possibilita uma leitura do livro como uma unidade literária estruturada em forma de painel, na qual a seção hebraica reflete, dialoga ou amplia a seção aramaica. Caso a análise proposta esteja correta, torna-se possível propor uma estruturação do livro em dois blocos tematicamente e teologicamente correlacionados, conforme segue:

a ₁	Reinos em sucessão: opressão, vindicação e juízo divino	Dn 2	Dn 1	Reinos em sucessão: opressão, vindicação e juízo divino	a ₁
b ₁	Imposição idolátrica: livramento angelical e juízo divino.	Dn 3—4	Dn 10:1—12:3	Imposição idolátrica: livramento angelical e juízo divino.	b ₁
b ₂	Imposição idolátrica: livramento angelical e juízo divino.	Dn 5—6	Dn 9	Quadrilátero 2: Imposição idolátrica, livramento angelical e juízo divino.	b ₂
a ₂	Reinos em sucessão: opressão, vindicação e juízo divino	Dn 7	Dn 8	Reinos em sucessão: opressão, vindicação e juízo divino	a ₂
Epílogo Dn 12:4-13					



Conforme observa Shea (2009, p. 135), “qualquer conclusão derivada de uma análise da estrutura literária (principalmente se ela dá evidência de que o livro constitui uma unidade literária geral) carrega implicações para a crítica literária”. Ele acrescenta ainda que, “se Daniel realmente apresenta uma estrutura literária unificada, então torna-se mais difícil separar seus capítulos históricos (1—6) de seus capítulos proféticos (7—12)”.

A proposta estrutural apresentada neste trabalho (acima disposta) evidencia justamente essa integração literária, em que os segmentos aramaicos e hebraicos se espelham e complementam, formando um conjunto coeso, com correspondências temáticas, semânticas e teológicas. A estruturação em painel, longe de ser apenas uma construção retórica baseada nos diferentes segmentos linguísticos, aponta para a intencionalidade composicional do autor ou redator final do livro e enfraquece a hipótese redacionista tradicional que fragmenta a obra com base em conjecturas histórico-críticas não sustentadas por uma leitura textual atenta e respeitosa.

Importa destacar, porém, que o esboço estrutural apresentado aqui não possui caráter normativo ou exclusivo. Outras leituras e arranjos estruturais podem e devem ser explorados para evidenciar a beleza literária e a profundidade teológica do livro. O que se afirma com convicção é que o livro de Daniel, em toda a sua complexidade, é, acima de tudo, uma obra de esperança.

Mais do que relatar eventos históricos ou visões simbólicas, Daniel revela um Deus soberano, que não permanece inerte diante da injustiça e da opressão. Pelo contrário, Ele age — no tempo e na eternidade — para justificar Seus servos fiéis e decretar juízo sobre os poderes opressores. Essa dinâmica, ao longo de todo o livro, culmina no clímax escatológico em que os santos do Altíssimo serão definitivamente vindicados, e a justiça divina será plenamente manifesta. Nesse sentido, Daniel é, por excelência, um chamado à perseverança e à fidelidade diante do Deus que reina sobre a história e garante seu desfecho redentor.

Recomendações para estudos futuros

Com a conclusão desta pesquisa, abre-se espaço para investigações futuras que explorem outras possibilidades de estruturação do livro de Daniel em forma de painel. Como observa Gane (2016, p. 299): “A estrutura literária torna-se evidente a partir de padrões de fluxo linguístico e de repetição. Um mesmo trecho pode apresentar mais de uma estrutura válida, dependendo de quais



padrões o intérprete decide enfatizar.” Nesse sentido, diferentes ênfases — sejam elas teológicas, semânticas ou lexicais — que atravessem os segmentos hebraico e aramaico, conferindo-lhes coesão, podem ser analisadas e organizadas de modo a reforçar a compreensão do livro de Daniel como uma unidade literária e teológica intencional.

REFERÊNCIAS

BALDWIN, J. G. **Daniel**: introdução e comentário. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 2017.

BARTON, G. A. The composition of the book of Daniel. **Journal of Biblical Literature**, v. 17, n. 1, p. 62-86, 1898.

BRANNAN, R. (Org.). **Léxico Lexham da Bíblia Hebraica**. Bellingham, WA: Lexham Press, 2020.

BROWN, F.; DRIVER, S. R.; BRIGGS, C. A. **Enhanced Brown-Driver-Briggs Hebrew and English lexicon**. Oxford: Clarendon Press, 1977.

CHAMPLIN, R. N. **O Antigo Testamento interpretado**: versículo por versículo: Isaías, Jeremias, Lamentações, Ezequiel, Daniel, Oséias, Joel, Amós, Obadias, Jonas, Miquéias, Naum, Habacuque, Sofonias, Ageu, Zacarias, Malaquias. 2. ed. São Paulo: Hagnos, 2001. v. 5.

COLLINS, J. J. **Daniel**: a commentary on the book of Daniel. Minneapolis, MN: Fortress Press, 1993. (Hermeneia—A Critical and Historical Commentary on the Bible).

DAVIDSON, R. M. Interpretação bíblica. In: DEDEREN, R. (org.). **Tratado de Teologia**: adventista do sétimo dia. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2011. p. 67-119.

DOUKHAN, J. B. **Daniel**: the vision of the end. Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 1987.

DOUKHAN, J. B. **Segredos de Daniel**: sabedoria e sonhos de um príncipe em exílio. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2017.

DOUKHAN, J. B. **Daniel 11 decoded**: an exegetical, historical, and theological study. Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 2019.

DORSEY, D. A. **The literary structure of the Old Testament**: a commentary on Genesis—Malachi. Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2004.

FERCH, A. J. Autoria, teologia e propósito de Daniel. In: HOLBROOK, F. B. (ed.). **Estudos sobre Daniel**: origem, unidade e relevância profética. Engenheiro Coelho, SP: Unaspress, 2009. p. 3-66. (Santuário e Profecias Apocalípticas, v. 2).



GANE, R. E. O que é a “purificação do santuário” de Daniel 8:14? In: PFANDL, G. (org.). **Interpretando as Escrituras**: descubra as respostas para textos bíblicos difíceis. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2015. p. 211-214.

GANE, R. E. Methodology for interpretation of Daniel 11:2—12:3. **Journal of the Adventist Theological Society**, v. 27, n. 1-2, p. 294-343, 2016.

GANE, R. E. Conceitos de gênero literário em auxílio à exegese de Daniel. In: MASOTTI, F. A.; CAVALCANTI, D.; MARCON, J. L.; GUZMAN, E. A. (org.). **Daniel**: interpretação, história e teologia. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2024. p. 188-211.

GALVÃO, E. M. “E o santuário será justificado (*nišdaq*)”: uma breve análise da temática do santuário em Daniel 8 em seus intratextos. In: MASOTTI, F. A.; CAVALCANTI, D.; MARCON, J. L.; GUZMAN, E. A. (org.). **Daniel**: interpretação, história e teologia. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2024. p. 141-155.

GOLDINGAY, J. E. **Daniel**. Dallas: Word, Incorporated, 1989. (Word Biblical Commentary, v. 30).

GOODING, D. W. The literary structure of the book of Daniel and its implications. **Tyndale Bulletin**, v. 32, p. 43-79, 1981.

HAMILTON JR., J. M. **With the clouds of heaven**: the book of Daniel in biblical theology. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2015. (New Studies in Biblical Theology, v. 32).

HARTMAN, L. F.; DI LELLA, A. A. **The book of Daniel**: a new translation with notes and commentary on chapters 1—9. New Haven: Yale University Press, 2008. (The Anchor Yale Bible Vol. 23).

HOLLADAY, W. L.; KÖHLER, L. **A concise Hebrew and Aramaic lexicon of the Old Testament**. Leiden: Brill, 2000.

HOUSE, P. R. **Daniel**: an introduction and commentary. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2018. (Tyndale Old Testament Commentaries, v. 23).

LENGLET, A. La structure littéraire de Daniel 2—7. **Biblica**, v. 53, p. 169-190, 1972.

LIMA, M. L. C. **Exegese bíblica**: teoria e prática. São Paulo: Paulinas, 2014. (Coleção Exegese).

MILLER, S. R. **Daniel**. Nashville: Broadman & Holman Publishers, 1994. (The New American Commentary, v. 18).

MONTGOMERY, J. A. **A critical and exegetical commentary on the book of Daniel**. New York: Charles Scribner's Sons, 1927. (International Critical Commentary).

MORROW, L. K. **A study of the language shifts in the book of Daniel**: a comparative narrative analysis of Daniel 1 and 2, 7 and 8. 2022. Dissertação (Mestrado em Estudos Bíblicos) —



Unidade estrutural em painel: a arquitetura literária e teológica do livro de Daniel

Andrews University, Berrien Springs, 2022. Disponível em: <https://digitalcommons.andrews.edu/dissertations/1768>. Acesso em: 18 jun. 2025.

NEWTON, I. **Observações sobre as profecias de Daniel e o Apocalipse de São João**. São Paulo: Édipo Edições Populares, 1733.

NÚÑEZ, S. **Las profecías apocalípticas de Daniel**: la verdad acerca del futuro de la humanidad. México: Datacolor Impresores, 2006. v. 2.

OSBORNE, G. R. **A espiral hermenêutica**: uma nova abordagem à interpretação bíblica. São Paulo: Vida Nova, 2009.

SHEA, W. H. A unidade de Daniel. In: HOLBROOK, F. B. (org.). **Daniel**: origem, unidade e relevância profética. Engenheiro Coelho, SP: Unaspress, 2009. p. 133-207.

SCHÜRER, E. **História do povo Judeu**: no tempo de Jesus Cristo. São Paulo: Academia Cristã, 2023. v. 1.

SILVA, C. M. D. **Metodologia de exegese bíblica**: versão 2.0. 4. ed. rev. e atual. São Paulo: Paulinas, 2022. (Coleção Ciências Bíblicas).

SILVA, C. M. D. **Metodologia de exegese bíblica**. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2009.

STEFANOVIC, Z. **Daniel**: wisdom to the wise: commentary on the book of Daniel. Nampa, ID: Pacific Press Publishing Association, 2007.

STEINMANN, A. E. **Daniel**. Saint Louis, MO: Concordia Publishing House, 2008. (Concordia Commentary).

TANNER, J. P. The literary structure of the book of Daniel. **Bibliotheca Sacra**, v. 160, n. 639, p. 269-282, 2003.

TIMM, A. R. Simbolização em miniatura e o princípio 'dia-ano' de interpretação profética. **Parousia**, v. 4, n. 2, p. 33-46, 2004.